

HISTÓRIA

EM
DEBATE

ANAIS DO XVI^º SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS
PROFESSORES DE HISTÓRIA - RIO DE JANEIRO, 22 A 26 DE JULHO DE 1991.

HISTÓRIA EM DEBATE

Problemas, Temas e Perspectivas

ANPUH: 30 anos

CNPq

InFour

Infância e Civismo.

Cezar Augusto Carneiro Benevides

Até 1937, circulavam, nas escolas da capital paranaense, diversos jornais escolares. Depois do golpe, o quadro é outro: são dezenas de jornais em quase todas as escolas, jornais estes que vão adquirindo, cada vez mais, caráter político, transformando-se em importantes órgãos de cooperação do governo ditatorial, empenhado na eficácia do seu projeto ideológico.

Há uma razão para o incentivo dado pelo governo a esse tipo de imprensa especializada na mistificação de Vargas. É que a escola encontrava-se no palco dos acontecimentos. Sobre ela recaíam os “olhares” das autoridades do novo regime implantado, já que o projeto de edificação de uma sociedade corporativista passava, obrigatoriamente, pela transformação “natural” da escola.

É exatamente essa perspectiva nacionalista que vai intensificar o conformismo e a adesão da instituição escolar ao regime político encarnado pelo ditador.

É difícil avaliar a importância desempenhada pelo jornal escolar na sociedade paranaense durante o Estado Novo. Uma coisa, porém, é certa: o grande número que passou a circular era motivo de espanto para os defensores do regime.

Se esse tipo de imprensa teve sucesso foi por responder a uma necessidade vital do Estado autoritário: servir de vaso comunicante com o interior da família, tomada como um dos seus principais sustentáculos.

Se é verdade que o Estado Novo procurava dirigir sua mensagem ideológica para crianças e jovens, como observa Heloísa Helena de Jesus Paulo⁽¹⁾, não podia prescindir do jornal escolar. Em tese, a escola deveria ser o prolongamento da família, devendo nela predominar o espírito corporativo. O jornal alimentaria essa proposta, promoveria a cooperação e estimularia as iniciativas. A publicidade era a grande chave do sucesso desse plano pensado nos gabinetes fechados do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Cabia ao jornal manter acesa a chama das atividades incentivando o entusiasmo entre os alunos, levando-os a empregar neles todo o esforço e atenção possível. Podia, ainda, aproximar a escola da sociedade transformando-se em linhas básicas de comunicação entre ambas. Levava, enfim, para o interior da família as notícias da escola elaboradas de acordo com os interesses do Estado Novo.

Pretendemos comprovar que os jornais escolares não se constituíam em uma mera inovação administrativa para suprir as carências crônicas das escolas. No relatório apresentado ao presidente Vargas pelo interventor Manoel Ribas, é insinuada sua importância:

“No Estado existem, presentemente, 63 jornais escolares, os quais estão enfeixados em ‘IMPrensa ESCOLAR’ publicação da Diretoria Geral da Educação”⁽²⁾.

A imprensa escolar é um dos pontos mais instigantes desta tese. Torna-se necessário conhecer as articulações ideológicas que estavam embutidas em sua estruturação; trata-se de um campo inteiramente inédito de pesquisa que merece ser aprofundado.

O texto da menina de dez anos, Altiva Balhana, hoje uma renomada historiadora paranaense, é aqui transcrito como uma justificativa e, sobretudo, como um incentivo à abordagem centralizada nesse rico núcleo documental, cuja exploração dará, sem dúvida, ao Estado Novo, novos e dramáticos contornos. Escreve, empolgada, a aluna Altiva:

“Seria longo enumerar as vantagens advindas para o país com o Estado Novo, por isso eu, simples alma de um curso primário, mas com o coração transbordante de júbilo, então um hino de louvor à minha Pátria.

Salve o ‘Estado Novo’ ”⁽³⁾.

Nos jornais escolares encontramos centenas de redações, composições e descrições. É possível tentar perceber a diferença existente entre os trabalhos executados livremente pelas crianças e aqueles impostos pelos mestres. O objetivo principal destes jornais era incutir na cabeça do aluno conceitos nacionalistas, afastando-o da tentação de pensar, refletir e agir livremente.

Para satisfazer as exigências ditatoriais, os mestres acomodavam os “valores históricos” aos interesses do Estado Novo. Getúlio Vargas era santificado, ao lado de Tiradentes, em quase cem por cento das edições. A exaltação do nacionalismo fez no Brasil o que as grandes potências burguesas executaram do lado de lá, isto é, conduziu o país a um regime autoritário, nos quais os mais elementares direitos humanos foram inteiramente ignorados.

A imprensa escolar nada tinha de livre, salvo raras manifestações isoladas de alguns alunos, que passavam despercebidas pelos censores. Realizados, impressos e encadernados em edições especiais, os jornais

circulavam em datas cívicas para assinantes e correspondentes. As crianças interessavam-se pela sua elaboração, embora não participassem de todas as etapas de sua construção; os mestres impunham-lhes todas as normas de trabalho. A forma e o conteúdo desses jornais eram definidos pelas próprias autoridades do ensino que presidiam a sua edição.

Entre 1939 e 1942, inspetores examinavam, de tempos em tempos, com especial interesse, as matérias que comporiam a denominada Imprensa Escolar publicada pela Diretoria Geral de Ensino. Os jornais considerados pelos censores inofensivos eram aprovados, editados e enviados às famílias dos alunos, com poucas alterações. Os artigos mais significativos - cuidadosamente selecionados pelos censores - forneciam a matéria-prima da imprensa escolar de louvor ao regime implantado com o golpe de 1937. Assim, os jornais infantis fornecem indicações preciosas sobre o grau de manipulação das crianças pelo aparelho do Estado.

A falta de independência crítica provocada pelas técnicas de manipulação introduzidas no período Vargas, com a finalidade de conseguir uma sociedade dócil e manipulável, e a apresentação de um mundo falso, podem até ter alterado o comportamento da criança paranaense. A violência disfarçada, exercida pelos censores, tinha como objetivo básico a vida social, onde predominava a aprendizagem estereotipada. Presa ao cárcere da censura, onde não podia romper as normas estabelecidas, a sua criatividade perdia o supremo incentivo de agir sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre a própria expansão do pensamento. Constrangida no enfrentamento da vida vigiada, a imprensa escolar era monótona e sem plasticidade. Deste modo, a uniformização do jornal era um inimigo forçado do pensamento original da criança.

A rigorosa rede de censura não chegou a invalidar, totalmente, o conteúdo informativo das redações, onde aparecem, algumas vezes sem disfarces, as queixas das crianças. O leitor ficará surpreso com alguns depoimentos infantis. Vale a pena transcrever a composição do menino João Vieira, de 11 anos, que morou com seu tio Avelino Vieira, ao qual fora inicialmente confiado para realizar seus estudos, depois da morte de seus pais. O menino, para descrever toda a miséria de sua infância no Sertão, não podia encontrar nada mais expressivo do que denunciar a opressão a que fora submetido pelo seu tutor:

“Eu nasci no sertão. Vivía com meu pai e minha mãe. Estava muito bem com eles. Mas, um dia, a morte veio e os levou. Eu fiquei com meu tio Avelino. Ele era muito ruim para mim. Eu vivia com fome. Trabalhava bastante na roça, e apesar disso ele me surrava muito e à minha irmã Júlia. Um

dia um homem bom, e enviado por Deus, apareceu para nos salvar daquela desgraça. Agora estou muito bem com Seu Antoninho Portugal, estou na escola, já sei ler bem, estou aprendendo a trabalhar. Seu Antoninho está me educando. Minha irmã Júlia está em Curitiba”⁽⁴⁾.

O que se observa com clareza através do texto acima citado é que, mesmo nas famílias mais abastadas, as crianças eram submetidas ao trabalho duro e ao castigo corporal.

Às vezes, até as próprias crianças apoiavam as penalidades impostas. A menina Maria de Lourdes Coutinho, aluna, em 1941, do 4º ano do Grupo Escolar de Cerro Azul, chegou a incentivar a repressão escolar:

“Bem feito!

A Diretoria de nosso Grupo Escolar, deu ordem aos professores para que deixassem privados do recreio até o fim do corrente mês, todos os alunos que deixaram de comparecer à festividades do dia 19.

Foi bem feito, devia ser maior o castigo, porque não cumpriram com o dever”⁽⁵⁾.

O “dever” era a participação nos festejos do natalício de Vargas, ocasião em que os professores e alunos se irmanavam no culto ao ditador. A Profª Nahyr Humphreys Droher, do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, não poupou elogios ao “Chefe Amigo”, implorando, “aos céus”, que lhe permitisse dirigir, “por muitos anos mais, os destinos do Brasil, para a sua grandeza econômica, moral e intelectual, e para a nossa grande felicidade”⁽⁶⁾. A semelhante “felicidade”, referiu-se, no mesmo 19 de abril de 1942, o menino Isaac Goldcher, aluno do 4º ano da Escola Israelita Brasileira “Salomão Guelmam”, localizada também em Curitiba:

“Há dez anos que notamos grandes melhoras, que nas indústrias, comércio, estradas e no ensino. Onde quer que lancemos a vista notamos seus benefícios. Não seria justo portanto deixar passar despercebida tal data.

Brasileiros, prestemos grande homenagem ao defensor do nosso povo, o qual faz tudo pela sua felicidade”⁽⁷⁾.

As comemorações do Dia da Criança, por sua vez, agitavam todas as escolas paranaenses. Na edição de 15 de novembro de 1939, os jornais escolares trouxeram relatos sobre os festejos, que se estendiam do dia 12 a 18 de outubro. Segundo o menino João Cândido da Cunha Pereira, aluno do 3º

ano do Grupo Barão do Rio Branco, de Curitiba, foram programados um piquenique e várias preleções sobre os benefícios dos exercícios físicos e da higiene. O convescote, de acordo com sua colega Laurita V. Silva, do 4º ano, foi descrito como “encantador”⁽⁸⁾. Percebe-se, pela leitura dos dois textos infantis, que, brincando, eles aprendiam a conhecer o meio ambiente e a desenvolver uma relação sentimental com a natureza. Quanto à preleções, que tomaram conta das semanas, inserem-se no conjunto das atividades “patrióticas” idealizadas pelo Estado Novo. Os meninos Sebastião de Oliveira e Percy Kuchenbuch, alunos, em 1939, do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, de Curitiba, dão seus alertas:

“Coleguinhas, aqueles que não esquecem os cuidados de higiene, evitam doenças perigosas, e se tornam caprichosos e sadios. A saúde é o bem mais precioso que existe e só pode gozar aquele que se esforçar para empregar os cuidados da higiene”

e

“São os exercícios que tornam uma raça bela e forte. Os gregos, principalmente os espartanos, cultivavam-nos com grande capricho; por isso deram os melhores guerreiros da antiga idade.

Ao lado da cultura e da inteligência, a educação física prepara-nos um belo porvir”⁽⁹⁾.

Assistia-se, neste momento, à valorização da educação física e, conseqüentemente, da instrução militar: era o nacionalismo incitando o treinamento do futuro soldado já na infância escolar. Ao mesmo tempo, reservava-se, para a clientela infantil feminina, sob essa mesma diretriz, uma postura de louvor com relação à escola, como demonstrava o depoimento de Odah Regina Costa, aluna, em 1942, da 3ª série do Colégio Divina Providência de Curitiba:

“Em dias de festas cívicas, como é belo o meu colégio desfilar pelas ruas centrais da cidade, encabeçado pelo seu lindo pavilhão auri-verde, todo em seda, com estrelas brilhantes, símbolo de nossa estremecida Pátria!

Quanto mais freqüente o meu colégio, mais o adoro”⁽¹⁰⁾.

Opinião semelhante tinham as alunas dos grupos escolares. Enquanto a menina Célia Kafka, aluna, em 1939, do Grupo Escolar Rebouças, interior do Paraná, proclamava, em um texto, "Amemos a escola"⁽¹¹⁾, sua colega Hélia Xavier, aluna, no mesmo ano, do Grupo Escolar de Londrina, ia mais longe:

"E louvemos, mãos postas em agradecimento perene, o nobre gesto do Sr. Getúlio Vargas, operoso chefe da nossa nação tornando obrigatório o ensino primário no Brasil, pois com isso firmará os alicerces graníticos do Brasil querido.

Rumo à escola, pois, jovens brasileiros"⁽¹²⁾.

Comprovamos, assim, que a linha doutrinária imposta pelo Estado Novo exerceu uma influência irresistível sobre a infância. A menina Altiva Balhana revela, com seu texto, como as crianças oscilavam entre os valores impostos:

"O que pretendo ser? Porém a resposta não se fez demorar, desejo ser uma corajosa aviadora, para descortinar do meu aparelho a belíssima paisagem que fica aos meus pés.

Quero do espaço sem fim, ver o mar verde, cor da esperança, onde flutuam os grandes navios do mundo"⁽¹³⁾.

Meninos e meninas freqüentavam a mesma escola, porém, recebiam educação distinta. É perceptível a discriminação feminina. Vale a pena, para tanto, examinar as redações de duas crianças de sexos opostos, ambas participantes de um piquenique comemorativo da semana da criança:

"Finalizando as comemorações da semana da criança, a nossa professora convidou-nos a escrever algo sobre as festividades, as quais passarei a relatar.

Iniciamos os festejos com um alegre piquenique na Cascatinha, à 8 horas da manhã.

Foi um dia lindo que nos deixou muitas recordações".

Enquanto João Cândido é incisivo na sua composição, Laurita demonstra com doce humildade um leve sentimento de inferioridade:

“Junto de minhas colegas e de minha querida professora tomamos o ônibus que nos veio buscar em frente do nosso grupo e rumamos, satisfeitos à Cascatinha. Oh! Que bela paisagem se apresentou aos meus olhos!

Como tudo era encantador.

Quisera ter bastante inteligência para poder descrevê-la.”⁽¹⁴⁾.

Textos bucólicos, como os de autoria de João Cândido e Laurita, dividem espaço nos jornais com outros de natureza épica. Deodoro da Fonseca, Rui Barbosa, Tiradentes e, sobretudo, Getúlio Vargas são os “heróis pátrios” mais cultivados. Fica, pois, claro, através dos jornais escolares, que pátria, escola e aluno deveriam atuar, juntos, para a cristalização do projeto autoritário, projeto este preocupado com o homem de amanhã, o cidadão fiel e servil a um regime que não previa contestação.

NOTAS

- (1) Paulo, Heloísa Helena de Jesus - “O DIP e a juventude”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 7(14):99-113. 1987.
- (2) Paraná. Governo 1932-1939. Relatório apresentado à S. Excia. o Snr. Dr. Getúlio Vargas, M. D. Presidente da República, por Manoel Ribas. Curitiba, 1940, p. 56.
- (3) *Jornal 19 de dezembro* (Órgão Infantil do Grupo Escolar “19 de Dezembro”), Curitiba, 15 de novembro de 1940, p. 1.
- (4) *Jornal A Escola* (Órgão dos alunos do Grupo e Escola Complementar do Grupo Escolar Macedo Soares), Campo Largo, 15 de novembro de 1940, p. 2.
- (5) *Jornal O Cerro Azulense* (Órgão de colaboração escolar). Cerro Azul, 21 de abril de 1941, p. 3.

- (6) *Jornal O Nosso Jornal* (Órgão dos alunos do Grupo Escolar "Dr. Xavier da Silva"), Curitiba, 19 de abril de 1942, p. 1.
- (7) *Jornal Avante* (Órgão Infantil da Escola Israelita Brasileira "Salomão Guelmam"), Curitiba, 19 de abril de 1942, p. 1.
- (8) *Jornal Eco Infantil* (Órgão dos alunos do Grupo "Barão do Rio Branco"), Curitiba, 15 de novembro de 1939, p. 2.
- (9) *Jornal O Nosso Jornal* (Órgão dos alunos do Grupo Escolar "Dr. Xavier da Silva"), Curitiba, 15 de novembro de 1939, p. 4.
- (10) *Jornal Violetas* (Órgão dos Alunos do Colégio Divina Providência), Curitiba, 19 de abril de 1942, p. 2.
- (11) *Jornal Raio de Luz* (Órgão dos alunos do Grupo Escolar de Rebouças), Rebouças, 15 de novembro de 1939, p. 1.
- (12) *Jornal Londrina Escolar* (Órgão dos Alunos do Grupo Escolar de Londrina), Londrina, 15 de novembro de 1939, p. 3-4.
- (13) *Jornal 19 de Dezembro* (Órgão infantil do Grupo Escolar "19 de Dezembro"), Curitiba, 25 de março de 1941, p. 2.
- (14) *Jornal Eco Infantil* (Órgão dos alunos do Grupo "Barão do Rio Branco"), Curitiba, 15 de novembro de 1939, p. 2.